

Coleção Documentos da Amazônia Nº 55

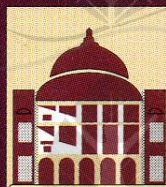
# As verdadeiras fontes do Rio Amazonas

## A Geografia e as Civilizações

■ Fac-similado ■

**João Ribeiro**

**Pierre Gourou**



Edições Governo do Amazonas

# **As verdadeiras fontes do Rio Amazonas**

## **A Geografia e as civilizações**

(Fac-similado)

**Coleção  
Documentos  
da Amazônia  
N. 55**



Am M  
0106

Copyright 2001 Governo do Estado do Amazonas  
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto

Acompanhamento Editorial: Editora da Universidade do Amazonas - EDUA

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Capa: Lídia Santos da Silva

Ribeiro, João & Gourou, Pierre

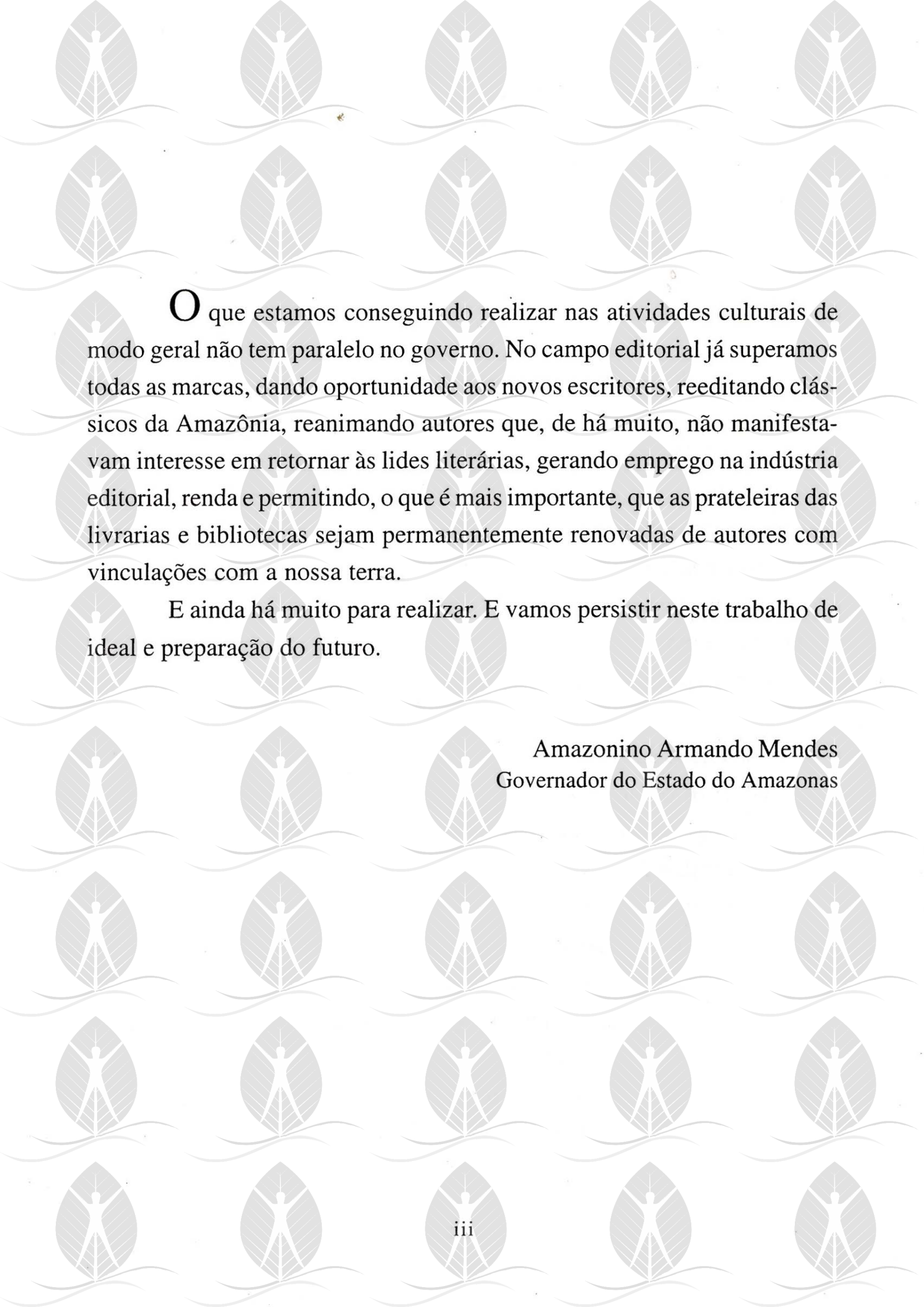
As verdadeiras fontes do Rio Amazonas / A Geografia e as civilizações / João Ribeiro & Pierre Gourou (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

53p.: 21cm (Coleção Documentos da Amazônia, n. 55)

1. Amazônia - História I. Título

CDD 981.2

CDU 981(811.31)



O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Amazonino Armando Mendes  
Governador do Estado do Amazonas

# Apresentação

## Terra de boa esperança

Pierre Gourou viveu no século XX, nasceu em 1900 e faleceu em 1999, sendo um dos mais importantes geógrafos franceses. Foi professor do Collège de France (1947-1970) e da Université de Bruxelles. Considerado o fundador da geografia tropical na França, deixou importante obra inclusive sobre a Amazônia.

Desde a publicação de sua tese *Les paysans du Delta Tonkinois* em 1936 até *Espace et civilisation*, seu último livro, passando por *Terres de bonne esperance: le monde tropical* e *Les pays tropicaux*, o que marcou a trajetória intelectual de Pierre Gourou foi a sustentação de que o atraso dos trópicos ocorre em função da ausência de tecnologia apropriada e da organização social, não pela natureza inóspita. Portanto, a idéia de determinismo geográfico como explicação do atraso dos países tropicais é uma falácia.

Pierre Gourou esteve na Amazônia na década de quarenta, sobre a qual fez as observações que compõem a quarta parte do livro *Terres de bonne esperance*. Esses escritos estão sintetizados em dois artigos com o mesmo título, “Observações geográficas na Amazônia”, publicados na década de 50 na *Revista Brasileira de Geografia*. Baseado na visão metodológica da Escola Francesa, com uma descrição minuciosa da paisagem. Embora o artigo dê a impressão de separação da Geografia Física da Geografia Humana, inclusive sendo apresentado em dois números diferentes da Revista (Ano XI, nº 3 e Ano XII, nº 2), Gourou sustenta a Geografia como una, pois para ele toda paisagem é antes de qualquer coisa uma paisagem da civilização, e o prioritário no trabalho do geógrafo não é o físico,

mas a civilização, ou seja, o conjunto de técnicas de produção e de enquadramento. Essa perspectiva teórica também está presente no texto ora reproduzido, ao ilustrar suas considerações, Gourou dá como exemplo a civilização chinesa que privilegia a alimentação vegetariana, o trabalho agrícola a braço não como marcas do atraso, mas como complexo de civilização.

A partir de constantes viagens à Ásia, África e América, Gourou passa a considerar os trópicos como terra da boa esperança o que não significa o desconhecimento de riscos que são primeiramente políticos e sociais, não apenas naturais. Portanto, para Pierre Gourou, o mundo tropical não é nem um paraíso nem um inferno, mas uma realidade complexa que só pode ser compreendida quando se faz a articulação do ecossistema com a sociedade.

A retomada da obra de Pierre Gourou possibilita-nos a reflexão sobre os trópicos, especialmente neste momento em que quase sempre se privilegia a discussão sobre a natureza em detrimento da sociedade, como se a produção do espaço prescindisse da história e da cultura dos povos. Que a Amazônia e os trópicos úmidos ainda venham a ser uma terra da boa esperança como na acepção que dava a este termo o geógrafo Pierre Gourou.

José Aldemir de Oliveira

Professor do Departamento de Geografia da U.A.

F368  
A1

AS  
VERDADEIRAS  
FONTES  
DO RIO  
AMAZONAS

João RIBEIRO

A  
GEOGRAFIA  
E AS  
CIVILIZAÇÕES

Pierre GOUROU

**SPVEA**

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

Adriano Menezes

O  
PROBLEMA DE  
COLONIZAÇÃO  
DA AMAZÔNIA

7

SPVEA  
COLEÇÃO ARAUJO LIMA

SÉLIO BRUCEIRA

ESTRADA DE FERRO  
MADEIRA-MAMORÉ



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Amazônia  
&  
desenvolvimento

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

WALDIR BOUHO

Agnello Bitencourt

NAVEGAÇÃO  
DO AMAZONAS  
&  
PORTOS DA  
AMAZÔNIA

8

SPVEA  
COLEÇÃO ARAUJO LIMA

EUCLIDES DA CUNHA

O RIO PURUS



SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Aspecto  
Demográfico-Social  
da  
Amazônia Brasileira

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

Pe. José de Souza Bitencourt

PERICLES MORAES

OS  
INTERPRETES  
DA  
AMAZONIA

10

SPVEA  
COLEÇÃO ARAUJO LIMA

ANTONIO CEZAR FERREIRA REIS

ASPECTOS ECONÔMICOS  
DA  
DOMINAÇÃO LUSITANA  
NA AMAZÔNIA




SPVEA - COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

AMAZÔNIA  
o conceito  
e a paisagem

COLEÇÃO ARAUJO LIMA

EIDORFE MOREIRA





ALÉM DE FOTOS, INFORMES,  
MAPAS OU GRÁFICOS, REFLE-  
TINDO ASPECTOS DA AMAZÔNIA,  
A AGÊNCIA DA SPVEA NO RIO DE  
JANEIRO PÕE À DISPOSIÇÃO DOS  
INTERESSADOS, GRATUITAMENTE,  
TÓDAS AS MONOGRAFIAS QUE IM-  
PRIME OU EDITA. FUNCIONA À  
AVENIDA FRANKLIN ROOSEVELT,  
39 (SALAS 806/814), DAS OITO  
ÀS DEZESSEIS HORAS.

PIERRE GOUROU

JOÃO RIBEIRO

A

GEÓGRAFIA

E AS

CONDIÇÕES

AS

VERDADES

SOB

DO RIO

amazônia

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO  
AGÊNCIA DA SPVEA  
Av. Franklin Roosevelt, 39 (S. 814)  
RIO DE JANEIRO



## DEPOIMENTO

*PIERRE GOUROU, professor do colégio de França e antigo diretor do Instituto de pesquisas de França na Indochina. Uma das mais altas expressões no particular do estudo sôbre o mundo tropical. Seu livro “Rays Tropicaux” é clássico. Discorda-se dêle, mas nem por isso deixa-se de respeitá-lo pelo muito que ensina, fruto de sua experiência no Oriente e na África. Conhecemo-lo, pessoalmente, em Lisboa, no ano de 1958, por oca-*

*sião do 3º Colloquium Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Ele presidia o grupo de trabalho sobre a transplantação de vegetais e animais, de um continente a outro. Eu lhe fazia as vêzes de Secretário, sendo também o relator da tese que apresentara. Disse, na oportunidade, por escrito, o que pensava. Não lhe fiz um louvor. Procurei acompanhar-lhe o pensamento, concordando com as suas exposições e com as conclusões e que chegara. O parecer está publicado no primeiro volume dos “Atos do Colloquium” e em separata. Lisboa 1960.*

*Logo a seguir, em outro grupo de trabalho, presidido por René Ribeiro, do Instituto Joaquim Nabuco, de Recife, tive de discordar. a tese era dele e versava sobre a Amazônia e o Congo, nos aspectos de aproximação que ofereciam. Contestei-o por entender falsas certas afirmativas que fazia sôbre o processo de ocupação das duas regiões. Ouviu-me em silêncio. Julguei que se tivesse aborrecido. No dia seguinte, encontramos-nos. Veio convidar-me para uma visita a sua cátedra em Paris. GOUROU revelava-se o homem de ciência. Não se revoltara com a*

*impetuosidade de meu pronunciamento. recebera a crítica com a humildade de quem não se cansa de procurar a verdade, o que nem sempre é muito fácil nas ciências do homem.*

*A memória, que o Serviço de Documentação, sob a direção esclarecida de Clóvis Barbosa, lança, agora, é uma das muitas que êle elaborou no decorrer de sua atividade intelectual. Reflete, antes do mais, a profunda experiência que possui. Não se trata, portanto, de um artigo vulgar, para satisfazer curiosidade de leitores vulgares. Vale, antes, como um depoimento de quem viveu e pôde tirar dessa vida, a serviço de um setor cultural, lições que não desejou esconder e quis transmitir. A humanização do meio físico, tema admirável que é uma constante do mundo, nos ensinamentos do professor GOUROU, pode ser melhor entendido em extensão e em profundidade. E como se poderiam extrair magníficos exemplos aplicando ao Brasil o que nos diz nestas páginas!*

Arthur Cesar Ferreira Reis

Conferência

CONSELHO NACIONAL  
DE GEOGRAFIA

Rio de Janeiro  
13 - 6 - 1948

REVISTA BRASILEIRA  
DE GEOGRAFIA

Páginas  
135 a 140

Tradutor:  
João Milanez  
da Cunha Lima

A GEOGRAFIA E AS CIVILIZAÇÕES

-Os princípios do método geográfico

- I - *Introdução. A natureza da geografia*
- II - *O problema das relações da geografia física com a geografia humana*
- III - *Os percalços de um determinismo simplista*
- IV - *Da prudência necessária aos geógrafos*
- V - *O possibilismo*
- VI - *A verdadeira natureza da explicação geográfica - a recorrência às civilizações*
- VII - *A civilização chinesa, civilização do vegetal*
- VIII - *Civilização e geografia humana da China*
- IX - *A ação geográfica da civilização*
- X - *Conclusão*



*PIERRE COUROU*

Professor na Universidade de São Paulo

OBSERVAÇÕES  
GEOGRÁFICAS  
NA AMAZÔNIA

Separatas da  
REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA  
Números 2 e 3 - Ano XI e XII

*O estudo das relações entre o homem e o meio físico coloca-se no centro da geografia humana. Se é a geografia, essencialmente, descrição e explicação das paisagens - e temos aqui uma definição que me parece suficientemente ampla e precisa - não pode eximir-se de estudar os elementos físicos e humanos da paisagem nem de esforçar-se por determinar as relações que se estabelecem entre um e outro. Quer a geografia seja geral, quer regional, não pode nunca perder de vista as relações entre os elementos físicos e os humanos das paisagens. Até direi que essas relações devem entrar no primeiro plano de pensamento do geógrafo. Com efeito, é no estudo das relações que se manifesta a originalidade da geografia, pois sabemos que os elementos tomados à parte constituem objeto de múltiplas ciências que se bastam a si próprias e nada têm a ver com a geografia. Precisamos dessas ciências, que nos fornecem o conhecimento dos materiais físicos e humanos que nos são indispensáveis. Todavia, nossa personalidade e nossa razão de ser residem nas relações que percebemos entre êsses materiais. Se o fabricante de tijolos, o de cimento, o caieiro, o metalúrgico, o marceneiro são necessários ao arquiteto, e êste cabe estabelecer as malhas ds relações, vale dizer a estrutura, de onde se originará a casa. Do mesmo modo, uma paisagem geográfica não se forma pela justaposição de elementos diversos; deriva antes sua existência da rêde de relações que se estabelecem entre êsses elementos. Se me é permitida declara-*



*ção tão ambiciosa, direi que os geógrafos somos essencialmente arquitetos, homens de síntese.*

*A geografia é, por conseguinte, essencialmente relações. Existe grande variedade de conjugados de relações: relações entre a morfologia e o clima, entre a morfologia e a estrutura, entre a morfologia e a história geológica, entre o clima e a vegetação, entre o clima e os solos, entre o clima e o meio biológico, relações, afinal de contas, entre o meio físico e o homem, entre os elementos físicos e os elementos humanos da paisagem.*

## II

*A essas relações é que tencionava consagrar hoje minha atenção pelo fato de que me parecem ser, dentre tôdas as relações geográficas, as mais sutis e as mais delicadas, como também por revestirem importância capital. Não digo tal coisa por um antropomorfismo inconsciente, senão porque é a expressão de meu convencimento. Nas paisagens que temos de estudar os elementos humanos são de interêsse essencial, quer se trate de elementos visíveis como os campos, as estradas ou as casas, quer dos elementos não aparentes como a transformação da vegetação pretensamente natural, do meio biológico e dos solos. Estou em que a “geografia humana” não é um capítulo a acrescentar em continuação aos capítulos destinados à geografia física, acho que a geografia não é uma enciclopédia; não a concebo como um dêsse amontoados covalinos em que os “polipiers” se amalgamam simplesmente uns aos outros. No meu entender a geografia humana acha-se profundamente vinculada à geografia. É fácil decidir do mérito de uma obra de geografia regional; se se com-*

*põe de uma sucessão de capítulos isolados, sendo cada elemento das paisagens tratado de per si, sem a preocupação dominante de estudar as relações dêste elemento com os demais, neste caso temos um bom, um excelente dicionário que seja, mas não uma obra geográfica; nada influi que cada um dêesses capítulos seja tão bom como se fôra tratado pelo especialista mais competente.*

### III

*O problema das relações entre os elementos físicos e os elementos humanos das paisagens parece-me portanto revestir interêsse capital para a geografia. Tal problema, é de crer, tenha sido geralmente mal colocado. Não será exagero dizer que as tentativas feitas no decurso de séculos para explicar os elementos humanos das paisagens pelo meio físico, pela sua ação determinante, malograram de todo. A história da ciência geográfica, acha-se, desde os pensadores gregos, referta de ensaios desastrosos feitos para explicar o homem e as manifestações de sua atividade pela ação simples e direta das condições físicas. Sem embargo dos reveses retumbantes de Hipócrates, de Montesquieu e de tantos outros conservamos íntegra dentro em nós a ilusão de que o meio físico determina o homem. Por um vêzo natural da nossa inteligência aplicamo-nos em descobrir, entre os fatos físicos e os fatos humanos, relações de causa e efeito. Se não advertirmos bem, se nos deixarmos discorrer livremente sôbre coisas de que não temos conhecimento seguro, fãcilmente cáiremos no êrro determinista e conviremos precipitadamente em estabelecer relações de causas e efeito que um exame mais aprofundado da realidade não permitiria sustentar. Em suma, a tendência do espírito humano é para a simplificação, para o estabelecimento de relações simples entre dois têrmos. Ora, a geografia não se com-*

*padece com tal simplicidade e as relações a descobrir são talvez, como veremos, relações entre três têrmos, ao menos, sendo um dêles a civilização.*

*Os geógrafos defendem-se muito bem contra o excesso simplificador. Concorre a beneficiá-los dupla proteção; com efeito, por um lado constitui ser preocupação principal, estudar as relações que se estabeleceram entre os elementos da paisagem; sua cogitação sôbre as aludidas relações figura no primeiro plano, é o primeiro movimento do seu pensamento. Os geógrafos mostram-se, portanto, profissionalmente desconfiados ao se lhes deparar uma relação simples de causa e efeito entre o físico e o humano. Por outro lado, a geografia geral é a consciência universal dos geógrafos. Tôda relação descoberta localmente e que se não repete alhures nas mesmas condições físicas no planêta, é recebida com suspeição. Sem embargo da dupla garantia do seu espírito crítico pessoal e da geografia geral, os geógrafos sucumbem, às vezes, às vertiginosas delícias do determinismo. Li, recentemente, saído da pena de um geógrafo emérito, que o clima tornara os habitantes do Ceilão indolentes, e que, graças a êste fato, podiam êles suportar pacientemente, horas a fio, as práticas dos religiosos budistas. Haveria, à conclusão, uma relação patente entre o clima do Ceilão e os ritos budistas.*

*Consoante o mesmo geógrafo, os senegaleses, por efeito do clima úmido e quente, contariam e assobiariam pouco; ao passo que climas secos compeliriam a cantar. Minhas primeiras impressões do Brasil não confirmam tal asserto; por outro lado, vim a saber que um governador americano da ilha de Guam, de clima quente e úmido, avisara-se de tomar uma ordenança para impedir seus administradores de assobiar, tanto lhe exasperavam suas incessantes modulações.*

*Se os geógrafos se deixam levar a tais descaminhos, que dizer dos não-geógrafos que, como leigos, tratam do proble-*

*ma das elações entre o físico e o humano? Lembra-me aquele geólogo que, após magnífica exposição da geologia da Bacia parisiense, partindo da disposição das camadas geológicas, concluía pela necessidade da existência de Paris no exato local em que se ergue esta cidade. E que pensar dos políticos? Não se lê no Jornal Político de CIANO que MUSSOLINI projetava reflorestar os Apeninos no intuito de infundir espírito belicoso no povo italiano, o qual, na sua sabedoria, relutava em deixar se arrastar pelas paixões guerreiras do fascismo? Com efeito, para MUSSOLINI, o reflorestamento dos Apeninos deveria produzir um clima mais frio, mais chuvoso, mais nevoso e, conseqüentemente, um povo mais combativo.*

#### IV

*Mas retornemos às coisas sérias. De modo geral, parece-me vão tentar explicar os elementos humanos da paisagem diretamente pelo meio físico. Mau método é êste, que não leva senão ao malôgro. Acima de tudo, nos resguardemos, como da peste, de pretender explicar o comportamento dos homens pelo meio físico. Deixemos os fisiologistas discutir a perder de vista, sem resultados certos, a influência exercida diretamente pelo calor e pela umidade sôbre o organismo humano. Tais fatos são muito mesquinhos e outros tantos discutíveis para marcarem uma grande influência geográfica e que tenhamos de levar em conta.*

*Não sei se os climas quentes e úmidos deprimem os homens e se os climas frios lhes exaltam a vitalidade, pessoalmente, cederia à tendência de não acreditar no que não está provado, vale dizer, que se não parece tenha o clima tropical ação deprimente. O exemplo da atividade brasileira ajudar-me-ia a*

*consolidar esta convicção. A influência direta do clima tropical sôbre o homem é, em todo caso, de escassa importância ante os efeitos da insalubridade, da fragilidade dos solos, e das insuficiências das civilizações tropicais indígenas. Será um meio insular capaz de exercer ação sôbre os homens? Talvez, mas contanto que se reconheça a extrema variedade de natureza desta ação. Isto porque há meios insulares em que se conservam formas arcaicas como a Sardenha e ilhas que, pelo contrário, estão abertas a tôdas as correntes, assim a antiga Delos. Haverá litorais “bons” e “maus”. Nenhuma regra geral pode ser a montanha utilizada pela civilização européia e a montanha desprezada pela civilização chinesa! Cada progresso do conhecimento restringe o domínio do determinismo legítimo. Durante muito tempo perfilhamos a crença de que as extensões de Loess da Europa Central haviam servido de vias de penetração na Europa ds civilizações pré-históricas, porquanto êste Loess era naturalmente descoberto; agora cumpre mudar a solfa, pois há grandes probabilidades de ter sido enflorestado; seu desbravamento foi muito provavelmente obra do homem. Os Vikings da Groenlândia não foram exterminados pelo clima, foram-no, isto sim, por sua civilização, que não lhes permitia levar uma existência isolada sob o clima groenlandês ao passo que os esquimós estavam afeitos a tal existência. Quanto às florestas, que ação exercerão sôbre os homens? É para êstes tão fácil destruí-las! Ninguém aqui ignora o quanto é fácil para os homens, querendo-o e mediante uma dose modesta de senso de consequência, suprimir a floresta. Bem entendido, não venho vangloriar-me de haver descoberto estas verdades tristemente banais; há algumas décadas os geógrafos renunciaram ao determinismo diante dos desmentidos que a observação dos fatos lhes infligia.*

*Existem não obstante, relações entre o meio físico e os elementos humanos. Não me parece que o termo interdependência sirva para caracterizar plenamente a natureza dessas relações, dado o perigo que oferece de significar que os fatos físicos e humanos se encontram numa dependência natural, que a observação mal confirma. A denominação “possibilismo” também representa uma tentativa no sentido de definir a natureza das relações entre a geografia física e humana. Os homens não exploram tôdas as possibilidades naturais; grupos humanos exploram certas possibilidades; outros grupos, colocados nas mesmas condições físicas, exploram outras possibilidades.*

*Expressa em termos que tais a noção de possibilismo concorda com o real. É certo que todos os grupos humanos não exploram do mesmo modo as possibilidades naturais. Mas até aí temos uma verificação e não uma explicação.*

*As dificuldades da explicação geográfica ressaltam logo, à primeira vista, como consideráveis. Todavia, os obstáculos se prendem na realidade ao fato de ser problema, freqüentemente, mal colocado. Por que os países quentes e chuvosos geralmente se acham muito pouco provoados ao passo que a Ásia Meridional contém populações pululantes? O meio físico natural não nos pode oferecer explicação satisfatória. Por outra parte não nos será de melhor préstimo o possibilismo, visto como o que extrema os países pouco povoados das regiões de população densa, é uma diferença de intensidade das técnicas e não de escolhas diferentes entre possibilidades naturais.*

## VI

*Eis-me destarte chegado ao meu tema essencial: a explicação geográfica não deve consistir na relação entre dois têmes armada - um constituído pelos elementos físicos e outro pelos elementos humanos - mas deve procurar-se no confronto de três categorias de dados que são os elementos físicos, a civilização, e os elementos humanos. “Por civilização” entendo unicamente o que é diretamente útil ao geógrafo, isto é, de início, as técnicas de exploração da natureza, técnicas agrícolas e técnicas industriais e, em seguida, a maior ou menor aptidão para a organização do espaço. Os elementos humanos da paisagem não podem ser explicados sem se levar em conta as técnicas mais ou menos variadas e mais ou menos aperfeiçoadas; por outro lado não serão os mesmos no caso de uma civilização que não tenha elevado sua capacidade organizadora acima do território dum vilarejo e no caso duma civilização criadora de um império.*

*Certamente há outros capítulos na civilização mas nos limitamos ao que se mostra mais diretamente útil à geografia. Será vão querer explicar a civilização, quer emprestemos à palavra acepção larga ou restrita pela ação do quadro físico, fixado em nossas pesquisas regionais. É impossível dar-se conta da civilização que reina numa região pela influência da geografia física desta região.*

*A civilização é o produto de muitas trocas resultantes dos deslocamentos dos povos ou dos contágios de pensamento e técnicas, é o produto de muito processo de psicologia individual e coletiva para que seja lícito fazê-la derivar do meio físico local. O geógrafo considerará, portanto, a civilização como fator de explicação, como um dado exterior a seu próprio domínio de*

pesquisas. Ele a tornará como é, sem se importar de explicá-la pelo quadro físico onde provisoriamente se exerce.

O homem utiliza, portanto, o meio físico mas por intermédio de uma certa civilização. Os elementos físicos exercem inegavelmente uma ação sobre os elementos humanos, mas essa se cõa através dos prismas deformados da civilização. Esta sé a chave que abre ao homem certas possibilidades, mas que pode perfeitamente ser incapaz de dar-lhe acesso a outras possibilidades. Que uma civilização se substitua por outra e o mesmo quadro físico ostentará uma geografia humana diferente.

Uma civilização coloca assim entre as mãos dos homens técnicas que permitem explorar somente certas possibilidades naturais e explorá-las de uma certa forma. Uma civilização pressupõe, portanto, escolha entre possibilidades naturais. Nota-se bem, não damos a esta palavra “escolha” o sentido de uma ação consciente e voluntária, mas conseqüências lógicas capazes de impedir uma civilização de desviar-se da vida adotada! Pode existir um verdadeiro determinismo de civilização que oriente para um mesmo resultado humano as possibilidades diversas de meios físicos diferentes.

Vã, por conseguinte, é a tarefa de pretender explicar diretamente os elementos humanos pelos elementos físicos da paisagem.

Não monta a menos para a geografia humana a necessidade de permanecer estreitamente ligada à geografia física, que só ela permite conhecer os quadros em que se exerceu tal qual civilização. O meio físico atua sobre o homem, mas enquanto são infrutíferas as tentativas de ligação direta entre o quadro físico e os fatos humanos, fazendo medear entre êles a civilização, capacitamo-nos a definir, com propriedade a natureza das relações entre os elementos humanos e os



*físicos. Não somos dos que rebaixam a ação do meio físico e demos a êste, lugar relevante na explicação da geografia geral dos países tropicais, sublinhamos o papel imenso que se deve atribuir à insalubridade e à qualidade má dos solos; mas êste mesmo fato nos demonstrou que, num quadro físico tão caracterizado, técnicas diferentes se resolviam em paisagens humanas opostas, tão opostas como as solidões da bacia congolosa ou amazônica e as planícies pululantes de Java ou de Bengala.*

## VII

*Desejaria agora ilustrar essas considerações um pouco teóricas com o exemplo da “civilização do vegetal como existe no Extremo Oriente e, de modo muito particular, na China. Sendo-me o tempo estritamente limitado, tratarei a questão apenas em suas linhas mestras. A civilização chinesa caracteriza bem uma “civilização do vegetal”; a vida material da china repousa na utilização dos recursos do mundo vegetal, ao passo que os recursos animais e minerais são desprezados. Demonstram-no, de maneira rigorosa, a alimentação, o trabalho de instrumentos e a habilitação. os chineses são vegetarianos; 9 890 de suas calorias alimentares provêm de produtos vegetais. Bem entendido, os cereais e os tubérculos fornecem os hidratos de carbono; mas o reino vegetal ministra também quase tôdas as proteínas e quase tôdas as matérias gordurosas. Os campônios chineses não comem nunca queijo, manteiga ou leite, raramente, comem carne e, ao contrário de uma lenda habitualmente difundida, consomem pouco peixe. De passagem, notemos que a carência de proteínas animais não parece afetar o vigor do povo chinês.*

*A criação é, portanto, pouco desenvolvida. Os camponeses possuem os bois ou os búfalos, estritamente necessários à lavoura e à gradadura, não lhes cobrando porém, muita ajuda além dessas vultosas tarefas. Esses animais não trabalham mais de uns cinqüenta dias por ano. É habitual ver-se, ao sul e ao centro da China, os búfalos espojaarem-se nos charcos enquanto os homens se afadigam a transportar pesadas cargas. Não faltam, aliás, vilarejos que não possuem bois nem búfalos e onde a faina agrícola se faz inteiramente a mão, sem nenhuma participação animal.*

*Alimentação vegetariana, trabalho agrícola a braço isto faz parte dum complexo de civilização. Os chineses vestem-se de tecidos vegetais, mormente de algodão, não obstante o rigor dos invernos; utilizam uma capa de chuva feita de fôlhas imbricadas ou de palha. A casa chinesa é construída essencialmente de materiais vegetais. A armação é constituída de colunas de madeira que suportam um vigamento também de madeira. Tais elementos são ligados uns aos outros por meio de encaixes, cavilhas, ao invés de o serem por pregos e parafusos. As paredes não são de tapagem e seu material não tem importância, pois não participam da estrutura do edifício. Os utensílios chineses são feitos principalmente de materiais vegetais, tando lugar preponderante os instrumentos de bambu.*

## VIII

*Os traços principais da Geografia Humana da China são a densidade fortíssima da população rural e a concentração desta população nas planícies aluviais e nos vales. Enquanto nas planícies aluviais a densidade da população rural excede não raro*

500 habitantes por quilômetro quadrado, passa esta a ser muito parca nas regiões de montanhas e colinas.

Existe um liame entre a “civilização do vegetal” e a geografia humana da China? Evidentemente que sim. Só a civilização vegetal nos permite compreender: 1º) por que os prados são raros na China e por que as montanhas são mal utilizadas, visto como a aploração pastoril que aí encontraria lugar próprio não é praticada e 2º) por que a densidade rural pode ser tão importante nas planícies. Com efeito, graças a uma alimentação vegetariana, os campônios chineses podem tirar a substância de suas terras exíguas. cultivado com cereais diretamente consumidos pelo homem, em hectare produz pelo menos cinco vezes mais calorias alimentares do que sendo convertido em campo de pasto para um rebanho que dá aos homens sua carne e seu leite. A vantagem da alimentação vegetariana subsiste se o grão colhido é utilizado para a sustentação do gado. As massas rurais chinesas não teriam proliferado tanto se dessem uma larga margem aos alimentos de origem animal. Observamos, por outro lado, que a agricultura a braço suscita fortes densidades rurais.

Duas questões, todavia, se colocam neste ponto: não foi o meio físico que obrigou os chineses a adotarem uma civilização do vegetal? Por outro lado, não se viram êstes compelidos a adotar uma alimentação vegetariana justamente por serem muito numerosos? Essas questões devem ser aventadas mas é felizmente fácil achar-lhes resposta. Em primeiro lugar, é bastante observar que nada mais se assemelha à China do que o centro e o leste dos Estados Unidos, são frisantes as afinidades dos climas chineses e dos desta parte da América,

Isto se estampa nas vegetações dos dois países: o leste dos Estados Unidos e a China são assinalados pelo grande número de suas espécies arborescentes e pelo aspecto luxuriantes, quase tropical de suas florestas. Não há mister de insistir sobre

*as diferenças que existem entre a geografia humana da China e dos Estados Unidos. Isto não quer dizer, bem entendido, que não devemos estudar atentamente a geografia física da China mas nos devemos compenetrar da idéia de que, se nos cumpre saber tudo o que fôr possível sôbre a base física da China, não devemos entretanto acreditar que o meio físico explique a originalidade geográfica chinesa.*

*A segunda questão é ainda mais fácil responder. Com efeito não há dificuldade em demonstrar que não foi pelo fato de, se muito numerosos e em terras demasiado exíguas, que os chineses adotaram uma alimentação vegetariana. Já a civilização neolítica chinesa era agrícola e tão pouco pastoril quanto possível.*

*Mas, sobretudo, existem ainda nas costas sub-orientais da china populações são parentes retardados do povo chinês; pouco densas, nada, por conseguinte, as impedia de praticar a criação do gado graúdo e de nutrir-se de alimentos animais. Não obstante, tornaram-se de todo em todo agrícolas e têm um passado vegetariano. É prova provada que na China o fato civilização precedeu o fato demográfico.*

## IX

*Os chineses são, portanto, vegetarianos por opção original de uma civilização e não por necessidade física ou econômica. Mas é preciso ver que a aplicação lógica e rigorosa dos dados desta civilização os conduziu a uma situação irreversível; seis, oito ou dez campônios podem lograr a subsistência num hectare, a partir de quando atingem tais densidades, é-lhes vedado*

*modificar a alimentação e a maneira de viver. Vêem-se, assim, por um verdadeiro determinismo de civilização, forçados a perseverar na via que êste lhes traçou.*

*Como todos os grandes complexos de explicação geográfica, a “civilização do vegetal” de tipo chinês exerce sua ação na paisagem em condições físicas variadas. Atinge resultados semelhantes em meios físicos diferentes, por isso que deriva no sentido que lhe são próprias as virtualidades dêsses diversos meios. Exemplificativamente, a civilização chinesa foi ensinada do povo anamíta por uma ocupação de dez séculos; a geografia humana dois países anamitas assumiu um caráter semelhante às das regiões chinesas. As planícies aluviais têm uma população rural muito densa, em meio a montanhas inexploradas e quase desertas. Esta paisagem foi realizada não mais num clima temperado continental de monções, e sim num clima muito quente e muito chuvoso. Se me posso valer desta expressão, a civilização chinesa tirou o melhor partido das condições locais para chegar a seus fins; por exemplo, explorou o contraste que se estabeleceu entre a insalubridade malárica das montanhas e a relativa salubridade das planícies para atingir um contraste ainda mais marcado que na China entre o pululamento das planícies e a solidão das montanhas. graças à civilização das montanhas. Graças à civilização, causas diferentes produziram os mesmos feitos.*

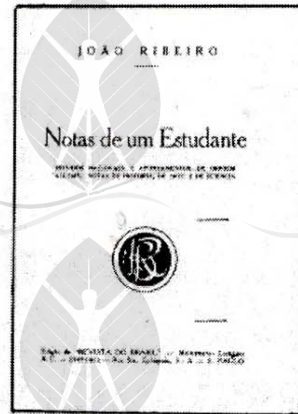
## X

*O que dissemos da civilização do vegetal aplica-se, com as modificações necessárias, às outras civilizações. Falece-me tempo para entrar em minudências; contentar-me-ei, portanto, com lembrar-vos de um fato que todos sabeis e é o de quanto a*

*paisagem das regiões pioneiras depende da “civilização” dos pioneiros, isto é, de suas técnicas de exploração da natureza. Sabemos, por exemplo, que os canadenses de origem francesa e os de origem anglo-saxã não conhecem os mesmos limites para seus empreendimentos pioneiros, tendo os primeiros menos exigências que os segundos; e sabemos que não engendram a mesma paisagem: Não ignoramos o quanto são importantes êsses fatores de civilização para explicar o geografia humana do Brasil, quer se trate das “civilizações” de importação recente, quer da civilização luso-brasileira, ou dos complexos nascidos da interação dessas civilizações.*

*Não tenho ilusões sôbre a novidade do que vos acabo de expor; todos nós, geógrafos, já teremos chegado a conclusões semelhantes. Dar-me-ei por satisfeito se pude atrair-vos a atenção, mais particularmente, sôbre a verdadeira natureza da explicação geográfica total das paisagens, isto é, sôbre a necessidade que se nos impõe de reconhecer nela a parte decisiva desempenhada, entre o meio físico e os elementos humanos, pela civilização. Permitir-me-ei lembrar-vos, para concluir, a importância prática dessas considerações. Verificamos grandes desigualdades de níveis de vida no mundo; por tal entendo grandes desigualdades “geográficas”, que, extremam regiões de baixo nível de vida e regiões de nível de vida elevado. Se quisermos um mundo verdadeiramente unido, importa que essas diferenças se atenuem até desaparecer e, por demais, graças a um nivelamento do alto. Nada de decisivo, porém, poderá ser realizado se não vemos claramente que essas diferenças procedem antes de tudo da civilização e que a responsabilidade do meio físico não é senão uma responsabilidade de segundo plano. É por conseguinte sôbre êsse plano da civilização que deve recair o esforço dos homens de boa vontade. E aqui temos, em suma, uma constatação bastante consoladora.*

*- FIM -*



## AS VERDADEIRAS FONTES DO RIO AMAZONAS

*Suponho que entre nós há verdadeira ignorância dos recentes trabalhos de exploração geográfica acerca da origem e da verdadeira fonte do rio Amazonas.*

*O assunto, diz-nos respeito e devia interessar-nos profundamente. Mas, não conheço nenhum sintoma ou indício de que tenhamos acompanhado as pesquisas científicas já apuradas nesta matéria.*

*A política a má política, absorve tôda a atenção dos nosso compatriotas. Contudo, acreditamos que a página que escrevemos pode merecer algum atrativo; não é longa nem demasiado enfadonha.*

*Eis em resumo a questão.*

*O que passa entre nós como verdade assentada e figura em livros didáticos, obras e até documentos de caráter oficial, é que o Amazonas nasce na Lagoa de Lauricocha e daí deriva para as terras orientais até perder-se no oceano.*

*Esta verdade compendial data dos começos do século XVIII e foi vulgarizada pelos jesuítas por intermédio das Lettres*



édifiantes que resumiam naquele século, e em língua francesa, os trabalhos dos missionários. Realmente, pelos fins do século anterior, os padres Richler e Samuel Fritz fixaram a sua assistência espiritual em Quito, no Equador. Daí é que Samuel Fritz percorreu o grande rio Marañon, no serviço da catequese, desceu o Solimões, foi prêso como espião no território português e depois remontando o curso do Marañon veio a dar já nas terras do Peru com a Lagoa Lauricocha que assentou ser a origem extrema do grande rio. Samuel Fritz traçou um grande mapa e escreveu uma relação da viagem; o mapa, de grandes dimensões, foi depois reduzido por outro padre, Juan de Narvaez. Um racourci desta redução e um resumo imperfeito do que escrevera Samuel Fritz vieram a figurar nos extratos das Lettres édifiantes no tomo XII.

Eis aí a origem dessa verdade imperfeita e convencional desde os começos do século XVIII, a qual ainda figura em todos os livros didáticos.

O conhecimento das regiões andinas, e dos seus vales e declives, foi-se pouco a pouco completando e veio abalar profundamente a afirmativa daquele missionário. Reconheceu-se dentro em pouco tempo que havia entre os supostos tributários do Marañon alguns rios de curso mais extenso, e desde o momento o rio Ucaiale começou a figurar ao lado do antigo Marañon a disputar-lhe a precedência.

Era isto a confirmação do que havia dito com grande sagacidade ou por espírito divinatório, o cronista Garcilasso que sustentava ser o Apurimac o verdadeiro rio das Amazonas. O Apurimac era um dos galhos do Ucaiale.

Para resumir, havia, no século XIX, duas opiniões, mais ou menos imperfeitamente assentadas, uma, a de que o rio Ama-

*zonas era o Marañon e outra, a de que era o Ucaiale o rio principal.*

*Nos fins do século passado dedicou-se o grande geógrafo e naturalista italiano, milanês Antônio Raimondi a várias explorações científicas durante quarenta anos e começou a publicar a sua obra colossal El Peru de que existem o Atlas, e os volumes de texto publicados até a sua morte (1890).*

*As explorações de Raimondi foram feitas e limitadas á região do Marañon; e a sua descoberta principal é que o rio Nupe é o braço mais extenso do sistema e conseguintemente é a fonte do Amazonas, situada assim no departamento de Huanaco.*

*Como se vê, esta descoberta implica apenas a da verdadeira origem do Marañon. Restava ainda verificar a extensão do curso do Ucaiale.*

*Aqui é que começam os trabalhos mais recentes do famoso viajante e arqueólogo americano Squires, que, tendo recebido do govêrno peruano a incumbência de verificar estas e outras dúvidas, com a colaboração da Sociedade Geográfica de Lima, instituiu uma série de pesquisas interessantes. Squires chegou á conclusão de que a fonte do Amazonas devia achar-se na região de La Raya, nos Andes, nos confins meridionais da República e que provàvelmente o rio extremo, cuja cabeceira falta determinar, era o Vilcanota.*

*Os resultados, pois, a que se havia chegado era que o Amazonas derivava do Vilcanota, que recebe o Apurimac e depois o Ucaiale. Como se vê o êrro consistia em, considerar principais os rios que eram meros afluentes; o mais extenso dêles era o Vilcanota e conseguintemente o rio principal.*

*Destarte, caía por terra a origem marcada no Nupe ou Marañon, pois que o Vilcanota começa de muito mais longe na região extrema meridional do Peru.*

*Havia, porém uma tarefa de importância a realizar e era de explorar in loco as cabeceiras do grande rio e descobrir o seu primeiro e mesquinho curso no planalto de La Raya.*

*Para êsse fim, J. Campbell Besley, com três companheiros, organizou uma expedição anglo-americana, que se propunha a achar o primeiro fio d'água do Amazonas e seguí-lo até a sua embocadura no Atlântico. Essa expedição, através de mil dificuldades, por terras inóspitas e povoadas, selvagens ou inteiramente desertas, vingou alcançar o seu objetivo com inteiro êxito.*

*Tomaram os expedicionários o ferro-carril del Sur em Mollendo e chegaram á base de operações determinada por Squires. Aí remontaram a pequena corrente do Vilcanota, e, montados em llamas e acompanhados de índios da região, chegaram até as faldas do Curunani, iternamente coberto de neves. Galgaram as encostas até o divortium aquarum, que inclina os seus três declives: para o Pacífico, para o lago Titicaca e para a região da montaña ou amazônia. No Peru e Bolívia chamam montaña, paradoxalmente, as regiões de descida, para o Atlântico, as quais se caracterizam pelas suas florestas em oposição á pobreza do solo do planalto andino.*

*Ao cabo de uma semana, o capitão Besley, verificados os cursos do Pulpera da vertente do Pacífico e do Pucara que corre para o lago Titicaca, e que não têm origem comum, reduziu as suas explorações ao curso do Vilcanota, e dividiu os expedicionários em várias partidas, que bateram os terrenos próximos.*

*Uma dessas colunas trouxe a verdade esperada. Algumas poças d'água tranqüilas como as de um pântano, e alimentadas pelo degêlo do Telhado do Mundo, (O Roof of the World) representam o comêço do rio gigantesco. Estas águas só ao cabo*

*de algumas centenas de metros começam a desenhar o friso característico de que acharam o seu declive; é o seepage, o primeiro sinal de escape da lagoa, o sangradouro, o rio enfim.*

*Assim devemos aos trabalhos de Squires e ao comandante C. Beslau a determinação das fontes do rio Amazonas.*

*É de crer que não continuemos a repetir nos livros, compêndios e documentos oficiais, a velha e antiquada origem do grande rio na lagoa de Lauricocha, segundo as observações imperfeitas e antiquadas do jesuíta Samuel Fritz, do século XVIII.*

*Pareceu-me interessante essa vulgarização porque a suponho inteiramente desconhecida dos nossos compatriotas.*

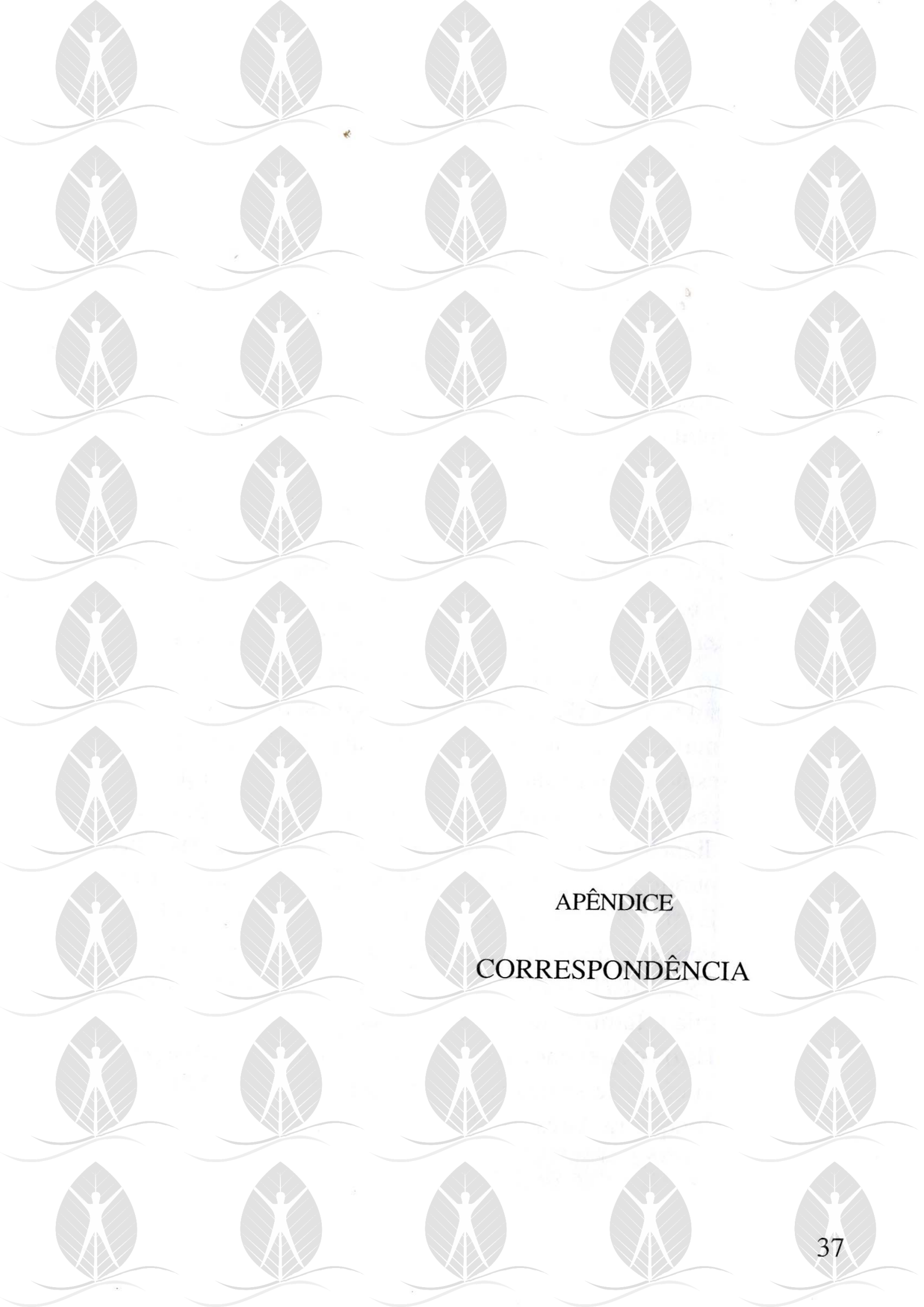
*Os resultados gerais podem resumir-se nas seguintes constatações:*

*O Vilcanota é o rio e o nome que deve substituir o Ucaiale das cartas geográficas.*

*O Nupe é o rio e o nome que deve se dado ao Marañon.*

*As cabeceiras do Vilcanota ou do Amazonas jazem ao sopé do chamado terraço ou “telhado do mundo”, Roof of World, na região andina de La Raya. (1916)*

FIM



APÊNDICE  
CORRESPONDÊNCIA

Armas do Rio Grande do Norte  
Univeridade do Rio Grande do Norte  
Faculdade de Direito  
17-2-61 - Meu caro Clóvis Barbosa - Muito grato confirmo o recebimento das publicações da “Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia” e espero *la santa continuidad*, como dizia Eugenio D’Ors. quanto tempo não ponho os olhos em cima de v... Desde de sua passagem para *faire le Rio*, numa aventura que foi sucesso real. Notícias, tenho-as sempre de suas vitórias, trabalhos, projeção. Acompanho com a natural simpatia do jagunço enlocado na ataba, sabendo as aventuras felizes do companheiro afoito e tenaz. Estava, por coincidência, escrevendo umas linhas sôbre as várias formas de pesca amazônica, atualizando um velho *rocambole* em que trabalho há seis anos e anda como tracajá paralítico. No estudo sôbre PESCA, andei citando o que sabia e que não é muito. Uma sugestão confidencial e clandestina: Como estão republicando Euclides da Cunha, por que não restituir à circulação aquele ensaio saboroso e, como dizia Monteiro Lobato, *inachavel*, que José Veríssimo publicou na revista do Instituto Histórico Brasileiro? É informação preciosa, seu Clóvis! “Populações indígenas e mestiças da Amazônia”, tomo 50, vols. 74-75... 1887! Tem coisa pouco conhecida e útil. Creio que a família não se oporá, bem ao contrário. Bem. Estou escrevendo muito. Uma lembrança cordial para você dêste seu(a) Luís da Câmara Cascudo 377- Av. Junqueira Aires - Natal. RN.

REVISTA TRIMENSAL  
DO  
INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO  
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO  
DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.  
O Sr. D. Pedro II

TOMO L

2º FOLHETO DE 1887

Non facit, ut tempus curvat, bona genus, per astra  
Et pariter sua postulat astra, Deus.



RIO DE JANEIRO  
Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor  
de LAMBERT & C., rua dos Invalidos, 71  
1887

As populações indígenas e mestiças da  
Amazonia\*

Seu linguagem, suas crenças e seus costumes

I

Tapuios e seus descendentes

A America é o vastissimo cadinho em que se fundem hoje as diversas raças e gentes do globo. Porventura sua missão historica é dar, servindo de cam'ço para o cruzamento de todas ellas, unidade ethnica á humanidade, e, portanto, nova face ás sociedades que hão de viver no futuro. Amplicissimo terreno aberto ás ambições de todo o genero, o Novo Mundo, rompendo com os velhos preconceitos das sociedades tradicionaes da Europa, toma tambem no caminho da civilisação uma direcção nova, deixando atraz de si a Asia e suas antiquissimas civilisações e a Africa e sua secular barbaria.

O Brazil vai pela mesma estrada, e aqui, como em todo o continente, os povos e as raças mesclam-se, fazendo

\* Este trabalho, pequena contribuição para o estudo da psychologia do povo brasileiro, appareceu pela primeira vez sob o titulo de *As raças cruzadas do Para*, nas primeiras paginas, livro publicado pelo author em 1878. Hoje não só muito augmentado e modificado, mas inteiramente refundido e correcto. E, por assim dizer, um trabalho novo.

7.X.38 - Prezado confrade Clóvis Barbosa. Não tive o prazer de levar suas credenciais ao prof. Álvaro de Las Casas. Agora, voltando do Rio de Janeiro, encontrei seu telegrama mas nosso hóspede dispensou-se de visitar Natal e João Pessoa. Em Recife deixou funda impressão e o grupo de “Fronteiras” rendeu-se enamorado dêle e lhe vae editar um livro. Seguiu para Maceió e daí à Bahia. Não o cheguei a ver, o que lamento. Muito agradeço seu amável convite e sempre me considere um colaborador “in fieri” de A SELVA. Creia que muito me penhoraria dignando-se enviar-me uma fotografia do túmulo de Teodor Koch-Gründerg no Cemitério de Manaus. Por minha sugestão, a Federação ds Academias de Letras solicitou ao interventor Álvaro Maia a transladação dos ossos de Koch, do alto rio Branco para aí. Agora a viúva pede-me notícias da sepultura, aspecto, estado atual, posição. Ignoro tudo. Resta-me a faculdade de bater-lhe à porta, pedindo detalhes. Reafirmo em sorridente energia. Manter uma revista cultural é uma gloriosa afirmativa de heroísmo desinteressado e de obstinação instintiva. Eu preferiria vir procurar os ossos de FAWCETT... Já sabe que me dá muita alegria em suas notícias e que aqui me tem jubilosamente às suas ordens. Seus(a) LUÍS CÂMARA CASCUDO.



FORTALEZA 27.XII.60 - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - UNIVERSIDADE DO CEARÁ - ESCOLA DE AGRONOMIA - Dr. Clovis Barbosa - Escritório da Superintendência da Valorização Econômica da Amazônia - Av. Franklin Roosevelt, 39 - 8º andar - Espalanda do Castelo - RIO DE JANEIRO - Guanabara Brasil - Prezado Senhor: O nosso comum amigo Dr. Orlando de Almeida e Albuquerque, em carta a mim dirigida e datada em 20 do corrente mês, me comunicou que a Superintendência da Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) tenciona reeditar o livro de José Veríssimo, clássico do ponto de vista literário e técnico, intitulado "A PESCA NA AMAZÔNIA". Na mesma carta, fiquei ciente da indicação do meu nome para fazer os necessários comentários à obra, com o objetivo de atualizá-la, além de redigir uma nota introdutória. Não é preciso dizer a satisfação que isto me causou. É uma honraria que marca definitivamente a vida de qualquer brasileiro. Julgo esta iniciativa de SPVEA de grande alcance. O livro em referência se encontra inteiramente esgotado, sem que possa prestar aos brasileiros dos dias que correm o suporte necessário para que se entenda um dos campos fundamentais da problemática da Amazônia, que é justamente a exploração dos seus recursos aquáticos. Quem lhe escreve estas linhas, modesto professor da Universidade do Ceará, já viveu na Amazônia, sentindo o drama do homem contra a natureza. Tendo dirigido, em 1953 o comêço de 1954, a Fazenda

Experimental de Gado Nelore, localizada em Fordlandia, botei dentro de mim um pouco daquela região, que tem persistido num desejo de contribuir de algum modo para melhoramento da vida da gente simples que por lá habita. Depois disto, a minha especialização em assuntos de pesca, me faz considerar com agrado a incumbência para a qual meu nome foi lembrado. Penso que a melhor maneira de se efetivar a reedição projetada consistirá numa nota introdutória e comentários de rodapé, deixando o texto da obra na sua forma original. Assim, não será mutilado o valor literário que a mesma encerra. Fico aguardando uma resposta sôbre o assunto. Naturalmente V. S. fará uma proposta no tocante à remuneração pelo trabalho a executar. Quero lembrar apenas que não possuo o mencionado livro, conhecendo-o por leitura realizada no Rio de Janeiro. Por outro lado, julgo conveniente permanecer na Amazônia algumas semanas, revendo a região, visitando os centros mais ativos de pesca interior e consultando velhos documentos. Receba a certeza do meu aprêço e consideração. Atenciosamente, (a) MELQUÍADES PINTO PAIVA. Escola de Agronomia da Universidade do Ceará - Caixa Postal 354 - Fortaleza - Ceará - Brasil.

RIO DE JANEIRO - Estado da Guanabara - março de 1961

---

Compadre Cascudinho para Deus e o mundo. Ninguém mais útil e dada na cidade do Natal. Homenzarrão harmonioso em sete violas. romanista, contista, historiador, etnógrafo, folclorista, crítico literário, jornalista. Seus livros esgotam-se. Mas diz-se enlocado, padecendo de literatura. Aconselha, ensina. A fonte aprofunda-se. Mais transparente ao longo da experiência. Mete-se por dentro de nossa índole. Pesquisa. Embala-se em *rêde-de-dormir* e em *jangada*. Reanima hábitos e tipos amadurecidos no gênio da raça. Viagem macia pelo real. Meu caro Luís da Camara Cascudo: estamos esclarecendo que sua companhia é agradavelmente fácil. Pomar em terra devoluta. Suas cartas curam artrite... Descortinam caminhos para inativos. Acordam as virtudes criadoras. Não se deve perder a voz em sociedade. Você compreende o silêncio dos gagos. E confraterniza, vacinado contra gafes. Não indaga pela eleição de quem não tem eleitorado. Nem pelo livro do confrade inédito. Honradamente inédito “Escritor” afogado em mar de fichas mudas. Projetou o ensaio da época, capricou demais e afunda com as idéias já caducas. Câmara Cascudo não corta amarras. Poeta! Rasteia, busca no infinito, aperta ao peito o velho companheiro de língua morta. Recheia saudades e, em estado de graça, o medalha pelo *real sucesso*. Por que não cultivar convívio tão bem-humorado? A distância enche a vista. Manaus, 1924/43. Muita luta à esquerda do rio Negro. Periódicos e diários sucederam-se. Pau nos caciques. caçoadas com os medalhões literários. Ufanismo dinâmico. Clamávamos pelo desenvolvimento da região como problema nacional. Apresentávamos a Amazônia nua de lendas, de pitoresco. Sêres e coisas eram autênticos. E o homem, maior que a cobra Norato, em plena conquista do deserto. Foge o crente. O servidor público acaba a carreira - fora dos acontecimentos e da sua província. JK não disparara as Metas. Amigo de capa e escapa queria saber, por dever de ofício, se a SPVEA estava nos trilhos. O desenvolvimento na escala das necessidades. Operamos na zona subdesenvolvida, sob êsse ilustre comando, há uns 26 anos. *Fecunda é a fidelidade*. No fervor do retôrno, o instinto reage com doce malícia, classificando fronteiras. Belém empolga o *continente* spveano. com a

superintendência dos serviços, o pormenor técnico, a política do planejamento. A gleba, no ânimo desenvolvimentista, é estimada em nossos cadernos do S/D. A paisagem e a máquina no espírito do tempo. Mas a divulgação de maior gabarito se faz bem no Pará. As verbas e os titulares lá estão. O nosso S/D, na Agência do Rio, é pobre em Canaã. Mera cabeça de ponte. Em equilíbrio através de meios mais esclarecidos. Procuram-no curiosos e catedráticos. Chovem cartas, pedindo-nos mapas, monografias, amostras de produtos. A Amazônia interessa. \* Lançaremos a *coleção José Verríssimo*. Se a nossa *editôra* lograr sobreviver, em *la santa continuidad* - rotina que aumenta família. Você de-nos corda. Vamos levar ao aprêço das novas gerações o homem e a obra. Em sua hierarquia moral e estética. Amplos aspectos d cultura, eqüidistantes da toga do crítico e historiador. Persuadido o novo chefe da SPVEA, bateremos à porta do marechal Ignácio José Veríssimo, cliente do S/D. Quais as dimensões do seu trabalho sôbre pesca? Não se deve oferecer hospitalidade, amigo, em terra caída...\* Intelectual carioca foi a Manaus fazer conferências. Vimos com êle a corografia do Baena, em linda encarnação. Pedimo-la por umas horas. Desconversou. Precisava de nossos préstimos. Passou-nos o livro, afinal. Ajuda. Palmas no Teatro Amazonas. Depois sumimos da cidade a serviço. Regressou O.P. na data prevista. Via Belem, *em gaiola*. queria conferir *A selva*, de Ferreira de Castro, pelo Baixo Amazonas. Descemos o *roadway* sob chuva. Iamos restituir a preciosidade. Precipitou-se, ao nosso encontro, no navio. Passamos-lhe o volume. Rápido, rasgou o papel que o envolvia. Correu-lhe as páginas com enlêvo. Iluminou-se. Tudo perfeito. E em tom confidencial, apertando o nosso braço, disse-nos: - fazia, meu caro, melhor juízo a seu respeito..." Conosco, emprestados, a velha Revista do Instituto Histórico, com o seu *achado*, e *A Pesca na Amazônia*, de Veríssimo, edição de 1895 \* Cordialmente, seu CLOVIS BARBOSA - Praia de Botafogo, 290/3.

União dos Profissionais de Imprensa

Rua Sacadura Cabral, 43, 3º and. - Fone 43-8079

3 de março de 1961- Ilmº. Sr, Clovis Barbosa - MD Di-

RIO DE  
JANEIRO

retor do Serviço de Documentação da SPVEA - Prezado confrade: A União dos Profissionais de Imprensa, entidade que congrega em seu seio, indistintamente, quantos prestam serviços aos órgãos de divulgação, do reporter ao gráfico, vem congratular-se com o ilustre diretor do Serviço de Documentação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia pelo excelente trabalho desenvolvido com a edição ds séries Pedro Teixeira e Araújo Lima, bem como com o preparo de mapas, gráficos e informes relativos àquela rica e esquecida região do país. Pelo seu valor, pelo cuidado de seleção e de apresentação, tôdas as publicações dêside Serviço de Documentação precisam figurar na biblioteca da UPI que funciona na própria sede social, à rua Sacadura Cabral 43, 3º andar, pelo que, nesta oportunidade, solicitamos a cessão dessas obras que um nosso portador irá buscar tão logo seja a isso autorizado. Igualmente alguns mapas ou gráficos poderiam ser expostos nas paredes de nossa entidade que possui ambito nacional e ocupa todo um pavimento onde funciona, também, sua Policlínica. Por último cabe-nos esclarecer que muito nos honraria inscrever o ilustre e operoso confrade no nosso quadro social, presidido pelo integro dr. Cristovam Breiner. Na expectativa de qualquer pronunciamento nêsse sentido, apresentamos-lhe nossas efusivas Saudações Jornalísticas (a) Madeira de Mattos - Secretário.

## ÍNDICE

### *Plantão*

*Depoimento - professor Arthur Cezar Ferreira Reis*

*A geografia e as civilizações - professor Pierre Gourou*

*As verdadeiras fontes do rio Amazonas (14º capítulo de NOTAS DE UM ESTUDANTE) - professor João*

*Ribeiro*

*APÊNDICE. Documento (Velha camaradagem. Garimpeiro de mão aberta. Preciosidade. Projeto em bom caminho. Ata de fácil tarefa. Estímulo para prosseguir).*

*Cartas do professor Luís da Câmara Cascudo.*


*Grafoto. Rosto da "Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro" (2º folheto de 1887) e respectiva página 295, início do estudo AS POPULAÇÕES INDÍGENAS E MESTIÇAS DA AMAZÔNIA, de José Veríssimo.*

*Carta do professor Melquíades Pinto Paiva a propósito da oportunidade de nova edição de A PESCA NA AMAZÔNIA (1895), de Veríssimo.*

*Carta aberta - C. B.*

*Sim, página quarenta e três. Carta do jornalista Madeira de Mattos, da UPI.*

*Índice*



Em abril de mil novecentos e sessenta e um, na sala oitocentos e sete, na avenida Frankin Roosevelt, trinta e nove, Estado da Guanabara, onde funciona a oficina do Serviço de Documentação da Agência da SPVEA - aprendizes e servidores montaram, compuzeram em Vary-Typer, imprimiram em Miltilith, alcearam e encadernaram o presente número TREZE da Coleção Araújo Lima (Primeira série).

COLEÇÃO PEDRO TEIXEIRA

Direção de C. B.

- 1 - A Expansão Portuguesa na Amazônia nos Séculos XVII e XVIII --- ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS
- 2 - Estrada de Ferro Madeira Mamoré - ..... JULIO NOGUEIRA
- 3 - O Rio Purus - ..... EUCLYDES DA CUNHA
- 4 - Aspectos Econômicos da Dominação Lusitana na Amazônia - ..... ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

COLEÇÃO ARAÚJO LIMA

Direção de C. B.

- 1 - Economia da Produção - .. COSME FERREIRA FILHO
- 2 - As Metas do Governo e a Valorização da Amazônia - ..... WALDIR BOHID
- 3 - O Banco do Brasil na Economia do Amazonas - ..... SAMUEL BENCHIMOL
- 4 - Características Agrárias da Amazônia - .... NEWTON PIRES DE AZEVEDO
- 5 - Conceito de Amazônia - ..... EIDORFE MOREIRA
- 6 - Valorização de Amazônia e sua Comissão de Planejamento - ..... SÓCRATES BONFIM
- 7 - O Problema de Colonização da Amazônia - ..... ADRIANO MENEZES
- 8 - Navegação do Amazonas & Portos da Amazônia - ... AGNELLO BITTENCOURT
- 9 - Artigos de Jornal
- 10 - Os Intérpretes da Amazônia - ..... PÉRICLES MORAES
- 11 - A Conquista Acreana - ..... ABGUAR BASTOS
- 12 - A Baía do Mar Doce - ..... ALBERTO RANGEL

NOVA SÉRIE

- 1 - Amazônia & Desenvolvimento - ..... WALDIR BOHID
- 2 - Aspecto Demográfico-Social da Amazônia Brasileira ..... Pe. JOSÉ DE SOUSA BITTENCOURT
- 3 - Amazônia - o Conceito e a Paisagem ..... EIDORFE MOREIRA
- 4 - Um Esboço da Vida Amazônica (no prelo) ..... SÓCRATES BONFIM





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA